

**“Um tesouro que ficou escondido”:
ressignificações de signos antigos no Festival de
Música Católica Cristo é Nosso Show**

“A treasure that was hidden”: resignifications of old signs at the
Christ is Our Show Catholic Music Festival

*Frank Antonio Mezzomo**

*Brandon Lopes dos Anjos***

Resumo

Neste artigo, procuramos analisar a utilização de signos tradicionais durante a realização do 12º Festival de Música Católica Cristo é Nosso Show (FMC), evento ligado ao carisma-tismo católico. Realizamos observação participante na edição de 2019, coletamos docu-mentos nas principais mídias informativas e realizamos uma entrevista com o apresen-tador do FMC. Percebemos a tentativa de enaltecer a tradição, por meio da ressignificação de práticas, rituais e simbologias apresentadas como santas e purificadas de elementos culturais contemporâneos. A análise do FMC permite especular sobre a rica diversidade de expressões que compõe o catolicismo brasileiro, elementos de um “mosaico” que se pre-tende “uno”, mas distante de um modelo hegemônico.

Palavras-chave: Tradição. Modernidade. Igreja Católica. Carismatismo.

Abstract

In this article, we seek to analyze the use of traditional signs during the 12th Christ is Our Show Catholic Music Festival (FMC), an event linked to Catholic charismatism. We condu-cted participant observation in the 2019 edition, collected documents in the main informa-tional media and conducted an interview with the FMC presenter. We perceive the attempt to praise the tradition, by means of the resignification of practices, rituals and symbologies presented as holy and purified from contemporary cultural elements. Analyzing the FMC allows speculating on the rich diversity of expressions that composes Brazilian Catholi-cism, elements of a “mosaic” that is intended as “one”, but distant from a hegemonic model.

Keywords: Tradition. Modernity. Catholic Church. Charismatism.

* Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor titular da Universidade Estadual do Paraná. E-mail: frankmezzomo@gmail.com.

** Graduando em História pela Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão (UNES-PAR). Membro do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder, da UNESPAR. Secretário executivo e diagramador da Revista NUPEM. Bolsista do CNPq. E-mail: brandon.njos@gmail.com.

Introdução

“Do profundo de nosso coração” é o título de livro que provocou polêmicas na Santa Sé, no início de 2020. De autoria do Cardeal Robert Sarah, com a contribuição do Papa Emérito Bento XVI – Joseph Ratzinger –, a obra defende a manutenção do celibato sacerdotal. Publicada poucos dias antes da Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Querida Amazônia” (2020), do Papa Francisco, seu lançamento pode ser visto como oposição, já que havia um movimento crescente em favor da ordenação sacerdotal de diáconos permanentes para ministrar os serviços religiosos na região amazônica. O “estranho sínodo”, como escreve o cardeal Sarah na introdução do livro, é um exemplo de como a Igreja Católica, durante o papado de Francisco, tem dado sinais de abertura às demandas modernas, a fim de se manter no competitivo mercado religioso, em um período de arrefecimento acentuado de sua hegemonia e evasão de fiéis. Concomitantemente, agentes conservadores do campo católico têm se posicionado para impedir esse novo *aggiornamento* da Igreja de Roma, em um anseio de voltar às práticas do pré-Concílio Vaticano II (1962-1965), a uma verdade que só é possível na perenidade da tradição.

Diante desse quadro de disputa entre resgatar e conservar os dogmas antigos ou atualizar-se de acordo com as dinâmicas da sociedade contemporânea, este artigo procura analisar como a Associação de Evangelização Cristo é Nosso Show utilizou elementos que podem ser tomados como tradicionais, enaltecendo-os, durante a realização do 12º Festival de Música Católica homônimo (FMC), sucedido em Campo Mourão (PR), em 2019. Na execução do evento, foi direcionado um esforço para transmitir e apresentar, como algo presente e imutável, uma memória religiosa conservadora e exclusivista, enfatizando a indispensabilidade de seu resgate. Esses símbolos e ritos tradicionais, embora sejam apresentados como retrato fiel do antigo, são ressignificados com elementos carismáticos e midiáticos contemporâneos, formando um mosaico de novas ideias, crenças e práticas. Assim, tomando por base o referido evento, procuramos discutir sobre as múltiplas faces que o catolicismo carismático pode assumir, com nuances a depender, entre outros fatores, da instrumentalização de signos tradicionais e contemporâneos.

O desejo por retomar a solidez da tradição e evitar as mudanças é consequência, em grande parte, do pluralismo e das transformações da modernidade, cada vez mais aceleradas e abrangentes. As instituições religiosas – em especial a Igreja Católica –, que outrora eram hegemônicas, passam por um processo de sig-

nificante arrefecimento, fragilizando as verdades imutáveis fornecidas aos fiéis e minorando a transmissão orgânica das tradições. Diante do vazio deixado pela relativização do “dado como certo”, com vínculos frouxos e processos de desfiliação, as sociedades pós-tradicionais passaram a procurar novos meios de suprir sua insegurança, como a oferta de serviços seculares de atendimento ao *self*, e a expansão do mercado religioso. Se, por um lado, abriu um amplo leque de possibilidades de crenças e religiosidades, com trânsitos, bricolagens e novos arranjos, também aflorou um desejo de retornar a uma utópica tradição – na busca por recuperar as respostas “certas” do passado – que, no seu limite, pode assumir características de um fundamentalismo religioso (Berger, 2017; Hervieu-Léger, 2015; Pierucci, 2004; Giddens, 1991).

Como “contrarreforma” ao *aggiornamento* promovido pela Igreja Católica por meio do Concílio Vaticano II (1962-1965), expoente e marco da reação eclesial para acertar o descompasso entre a vagarosa transição da instituição religiosa com as transformações cada vez mais aceleradas da modernidade, surgiram inúmeros movimentos autointitulados tradicionalistas. Esses procuram, ao negar as mudanças e promover um resgate do passado, reestabelecer uma identidade católica exclusivista, objetivando algo propalado como mais santo e puro, isolado do mundo profano, retomar um antigo perdido e granjear legitimidade junto à comunidade católica, cada vez mais plural em seu interior (Portella, 2014; Willaime, 2012). É nessa dinâmica que surgem, por exemplo, os “Arautos do Evangelho”, a “Sociedade Brasileira em Defesa da Tradição, Família e Propriedade”, e a “Toca de Assis”, que, com variações de intensidade, esforçam-se em resgatar elementos pré-conciliares, como a celebração da missa em latim, além de enfatizar sua ação nas guerras da moral e da cultura (Silveira, 2019; Zanotto, 2012; Portella, 2009). Neste cenário, é possível perceber a rica diversidade de expressões que compõe o catolicismo brasileiro, com gradações que vão do tradicional ao moderno, do engajado ao não praticante, do popular ao oficial; elementos constituintes do mosaico que se pretende “uno”, mas que foge de um quadro hegemônico (Teixeira, 2009): “há religiões demais nessa religião” (Sanchis, 1992, p. 33).

Afim de discutir a valorização e ressignificação da tradição a partir do FMC, realizamos observação participante na edição de 2019, bem como um levantamento documental nas principais mídias informativas de Campo Mourão e região, no Paraná. Com o objetivo de identificar estratégias discursivas de mobilização da memória (Hervieu-Léger, 2005), analisamos as falas realizadas durante o evento, além

de uma entrevista com Pe. Wesley Almeida, sacerdote responsável por organizar e apresentar a “nova” versão do FMC.

As ministrações de Pe. Wesley, com seu conteúdo exclusivista e dogmático, parecem relevantes quando compreendemos sua vinculação ao corpo sacerdotal socialmente reconhecido da Igreja Católica, colocando-o como porta-voz e responsável pela gestão dos meios de salvação. Nessa condição, assume papel de detentor do capital simbólico, responsável por validar, legitimar e perpetuar os dogmas, apontando as fronteiras entre o sagrado – alicerçado na tradição – e o mundano – tudo aquilo que está além –, e instaurar o monopólio do culto, rotinizando carismas ou os qualificando como heréticos (Bourdieu, 2007; Weber, 2009). Assim, as manifestações do padre não tratam de falas isoladas, mas são parte de uma corrente de pensamento que tem seu espaço dentro da instituição religiosa, alçando as posições mais proeminentes, como observamos no preâmbulo deste artigo. Com isso, procuramos discutir a hipótese de que, mesmo com os esforços para resgatar a tradição no FMC, o que é apresentado se configura como uma revisitação do antigo a partir do contemporâneo, originando novas expressões de religiosidade, reinventadas e inseridas em um novo tempo, característica inerente à modernidade religiosa (Hervieu-Léger, 2015). A confirmação da hipótese, ao que parece, corrobora com a ideia das múltiplas faces que o catolicismo brasileiro assume, em um mosaico composto de várias formas e diferentes maneiras de se viver o religioso na contemporaneidade.

1. As reconfigurações do Festival de Música Católica Cristo é Nosso Show

Criado em 2008, o FMC realizou suas edições no teatro municipal de Campo Mourão (PR), sendo produzido pela Associação de Evangelização Cristo é Nosso Show, em parceria com o Santuário Diocesano Nossa Senhora Aparecida. A Associação foi fundada oficialmente em 2011, embora desenvolva trabalhos desde 2003, quando realizou a primeira edição do Cristo é Nosso Show, evento que procura reunir grandes personalidades da música carismática, atraindo considerável público de toda a região (Mezzomo; Pátaro; Sexugi, 2018; Anjos et al., 2019). Seu criador, Edilson Bizerra, é ligado à Renovação Carismática Católica (RCC), sendo membro do Núcleo Diocesano de Pregação da RCC e coordenador do Grupo de Oração São Felipe Neri, da paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Essa

vinculação parece refletir na organização dos projetos, baseados em um modelo carismático que reúne música, lazer e espetáculo (Carranza, 2009; Silveira, 2008).

O evento, com onze edições até 2019, consistia em um concurso de intérpretes de cantos católicos que se apresentavam para o público participante e uma banca de jurados, cujos critérios de avaliação exigiam presença de palco, ritmo, harmonia, letra, melodia, traje, expressão corporal e afinação. As interpretações contavam com todo aparato moderno do teatro – iluminação e som profissionais, poltronas estofadas, utilização de diversos instrumentos musicais, entre outros elementos –, meios empregados para produzir um clima emocional no ambiente, no qual o público dança, ergue as mãos, canta junto aos intérpretes, participa com todos os seus sentidos, em um momento marcado por experiências pessoais e comunitárias (Imagem 1).

Imagem 1: Interpretações nas edições do FMC



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

O número expressivo de inscrições nas edições do evento exigia que a programação fosse dividida em duas etapas: a primeira, de caráter eliminatório, selecionava as melhores interpretações para o espetáculo a ser realizado à noite, na segunda etapa, quando ocorria sua exibição e a premiação das três melhores apresentações de cada categoria – “adulto” e “infantil”. As premiações variaram no decorrer dos anos, contando com valores em espécie, violões, relógios, teclados, troféus, entre outras gratificações, atraindo pessoas de vários municípios, como Curitiba, Ubatuba, Goioerê, Janiópolis e Peabiru. Na edição de 2017, por exemplo, foram realizadas 43 inscrições para apresentações, embora, como pondera Edilson Bizzera, “o prêmio [seja] apenas algo a mais, pois o nosso intuito realmente é evan-

gelizar, levar a música católica cristã para que tenha um efeito muito grande na vida das pessoas” (Bonete, 2016).

Esse modelo de festival apresenta características de eventos carismáticos, que tem conquistado espaço no Brasil nas três últimas décadas. Esses, por meio do uso de recursos midiáticos contemporâneos mesclados com a tradição da Igreja Católica, produzem novas formas de adoração ao sagrado, por vezes distantes da missa contemplativa e responsiva, embora não abandonem os dogmas e princípios da instituição. Assim, ferramentas como iluminação e som profissionais, diferentes instrumentos, cantos em variados gêneros musicais, principalmente em uma toada *pop*, caminham juntos com uma liturgia tradicional expressa em uma nova roupagem. Aquilo que outrora era considerado profano – como uso de instrumentos de percussão, realização de eventos em espaços seculares, instrumentalização de tecnologias, entre outros – passa a ser sacralizado para o uso na messe do Senhor. A participação do fiel não ocorre apenas por meio de expressão verbal, mas utiliza de todos os sentidos, movimentando os corpos, erguendo as mãos, dançando, pulando, com momentos que acionam as emoções, ora eufóricos, ora intimistas. Deste modo, música, lazer, oração e espetáculo se imbricam com maior ou menor intensidade, a depender do evento, em um sagrado adaptado às demandas da modernidade (Silveira, 2018a; Oro; Alvez, 2016; Carranza, 2009; Camurça, 2009).

Essa dinâmica adotada para o FMC ao longo de onze anos foi modificada na edição de 2019. A mudança foi construída sob a direção de Pe. Wesley Almeida – assessor da Comissão Diocesana para a Liturgia e vigário do Santuário Diocesano Nossa Senhora Aparecida – junto com Lilian Hanel, coordenadora diocesana da Pastoral da Música Litúrgica. A tradicional competição entre os intérpretes, voluntariamente inscritos em cada edição do festival, foi substituída por uma mostra de cânticos litúrgicos, interpretados por grupos de canto que já atuam nas paróquias da diocese. Pe. Wesley, que cumpriu o papel de mestre de cerimônia, fazia inserções após a apresentação de cada canto, enaltecendo os hinos tradicionais, contando sua história e sua importância dentro dos tempos litúrgicos – comum, advento, páscoa, quaresma, entre outros –, trazendo ao evento um aspecto catequético.

A decoração do teatro municipal pareceu remontar à tradição, com panos de acordo com as cores litúrgicas – branco, verde, vermelho e roxo –, uma iconografia de Cristo *Maiestas Domini* – um Cristo distante, entronizado, emitindo seu

juízo na parusia – junto à imagem de Nossa Senhora Aparecida (Imagem 2), e o uso de instrumentos que, nas palavras do vigário, “sustente, que não ultrapassa a voz [...] e que também não estronde, porque é um canto que tem que levar a oração” (Almeida, **Entrevista**, 2019a). Essa “nova” configuração do espetáculo pareceu se empenhar em destacar os signos tradicionais, principalmente em relação à música litúrgica de estilo ceciliano, como destacamos mais à frente.

Imagem 2: Imagens de Nossa Senhora Aparecida e a iconografia “*Maiestas Domini*”



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

Ao discutir esse resgate de signos tradicionais, não pretendemos apresentar o movimento carismático como um modelo de catolicismo que abre mão da tradição e se fundamenta somente em elementos contemporâneos. Embora utilize instrumentos midiáticos, seu discurso apresenta uma linguagem conservadora que se opõe aos costumes ditos mundanos como homossexualidade, fornicação, consumo de drogas, entre outros, em estado de tensão e articulação: ser moderno sem modernidade (Silveira, 2014; Camurça, 2009). Os elementos materiais utilizados remetem ao capital simbólico antigo da Igreja, mesmo que com outras roupagens, como terços e velas *online*, presença da imagem de Nossa Senhora Aparecida em altares adornados com jogos de iluminação, missas espetacularizadas e transmitidas por meio das “profanas” redes de comunicação televisivas, entre outras. Assim, não há um abandono da tradição milenar, mas uma ressignificação de seu uso para/na contemporaneidade (Silveira, 2018a; Carranza, 2009).

Ainda, é um equívoco pensar a concepção de tradição como algo estanque, que não se transforma, elementos de um passado glorioso que precisa ser retomado, *in toto*, como se estivesse intacto, pronto, bastando ser diacronicamente transportado para o presente. A tradição é viva, acionada a partir dos elementos culturais de quem a rememora desde o presente. Sem sua força de atualização e adaptação, está fadada a perder seu sentido, tornando-se incompatível com a sociedade em que está inserida, sendo esquecida com o tempo. Esse discurso se baseia em uma tentativa de criar e legitimar uma identidade pautada na tradição, capaz de rerepresentar uma resposta que, supostamente, sempre existiu no passado e que foi suplantada pela diversidade do pluralismo. A multiplicidade de escolhas e identidades conduz os indivíduos a retornarem às crenças e valores tradicionais, em busca de uma verdade concreta em que possam alicerçar suas experiências. Não existe, assim, uma tradição perene, já que ela é uma construção histórica e culturalmente marcada (Berger, 2017; Portella, 2014; Hall, 2006; Hobsbawm, 2006; Geertz, 2001).

Todavia, o cenário e as falas apresentadas no 12º FMC – que invocam a cosmovisão de que no passado está a verdade, e nele a música litúrgica de estilo ceciliano/gregoriano tem proeminência – parecem reafirmar outra compreensão das discussões apresentadas acima: secundar a capacidade de renovação e resignificação da tradição, com uma concepção que pode ser sintetizada na afirmação de que “só o passado salva” (Portella, 2014, p. 1.035), um tipo exclusivo do passado da instituição religiosa.

2. A tradição e modernidade pela ótica do sacerdote

A memória é um elemento essencial para criar uma identidade de grupo. Se a comunidade se apresenta como um lugar aconchegante, a contemporaneidade é “não comunitária”, visto que a insegurança é constantemente presente, em um mundo “desregulamentado, flexível, plural, competitivo e repleto de incertezas, onde cada um está deixado por conta própria” (Braz, 2004, p. 814). Cada vez mais o ideal de comunidade – distintiva, homogênea e autossuficiente – se torna desejável, enquanto o que está fora deve ser combatido ou, no mínimo, evitado. Essas agremiações exigem a obediência e lealdade de seus membros em troca da promessa de segurança, comprometendo parte da autonomia desses indivíduos (Bauman, 2003).

Nesse contexto, o indivíduo é, mais do que nunca, autônomo e imposto a realizar uma série de escolhas constantes, desde temáticas simples a complexas (Berger, 2017; Bauman, 2003). Da mesma forma, o pluralismo religioso origina um amplo leque de possibilidades de pertencas a diversos grupos, produzindo várias correntes de memória que se cruzam, imbricam, intercalam, tornando-se pouco coesas e originando um sentimento identitário religioso frágil, pouco ancorado nas práticas e costumes antigos. Esse fenômeno é desafiador às instituições sacras que precisam crer e, sobretudo, fazer crer na continuidade passado/presente/futuro, buscando na tradição elementos que deem coesão e formem uma identidade de grupo, de comunidade. Assim, é preciso constantemente realizar a rememoração dos rituais para que esses elementos voltem a ser um ponto de referência (Halbwachs, 1994; 2011; 2014; Hobsbawm, 2006; Rivera, 2001).

Se outrora a tradição estava presente em toda a sociedade de forma naturalizada, na liquidez da modernidade é exigido um constante resgate e repetição dos signos convencionais dentro dessas “comunidades construídas”, selecionando os elementos que comporão a homogeneidade de sua crença e excluindo os demais (Bauman, 2003). Essa recuperação busca edificar um mito fundador capaz de produzir uma “solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidas no nível da realidade” (Chauí, 2010, p. 9), caracterizado como atemporal e perene. Nessa busca por alcançar certeza, proteção e segurança dentro da comunidade, o grupo religioso se considera uma “descendência de fé”, herdeiros e perpetuadores das narrativas de origem (Hervieu-Lêger, 2005; Bauman, 2003).

Isso é visível nos eventos organizados pela RCC, que se ampara em um mito fundador baseado no relato bíblico da vinda do Espírito Santo sobre 120 seguidores de Jesus que estavam no cenáculo, conforme relatado no capítulo dois do livro de Atos dos apóstolos. Segundo a interpretação, os discípulos ali presentes teriam recebido dons de cura, glossolalia, exorcismo, entre outros, algo que teria se renovado em 1967, quando católicos em retiro na Universidade de Duquesne (EUA) passaram a “falar em línguas” e a usufruir do dom de profecia e discernimento. Nas celebrações atuais, principalmente aquelas ligadas à cura e libertação, esses carismas voltam a ser manifestados com novas roupagens, garantindo a continuidade com a tradição carismática e suas ressignificações com elementos contemporâneos (Camurça, 2013; Carranza, 2009).

Essa continuidade da descendência de fé exige um caráter normativo que oferta uma memória autorizada, aquela que possui a verdade acima de todos os outros relatos presentes no mercado religioso. Diante do pluralismo que amplia o alcance das informações, ao passo que torna as memórias cada vez mais superficiais e frágeis, a ideia de uma continuidade urge, criando uma oposição entre a instituição que afirma sua tradição como infalível e os fiéis que buscam construir sua verdade subjetiva. Os grupos religiosos criam, então, estratégias que variam de acordo com cada contexto, podendo caminhar desde uma abertura aos elementos contemporâneos da cultura, até uma tentativa de resgatar e impor a tradição antiga da instituição. Deste modo, os movimentos tradicionalistas almejam reconstruir o antigo e normatizar seu uso por meio de métodos de atração, já que a tradição passa a ser consumida por escolha, e não mais por herança, como outrora (Portella, 2014; Hobsbawm, 2006; Hervieu-Léger, 2005; Halbwachs, 1994).

Com essa discussão em mente, utilizamos o que Hervieu-Léger (2005) chama de “processo de ‘remobilização’ da memória” como instrumento de análise para a entrevista e as ministrações de Pe. Wesley Almeida, ocorridas durante o FMC, além de materiais de divulgação do evento. É possível identificar o acionamento de duas estratégias de remobilização da memória: reconstrução utópica do passado e refundação cultural da identidade religiosa, a fim de reforçar laços identitários e estimular um sentimento de pertença na comunidade católica tradicional.

A reconstrução utópica do passado consiste em retomar elementos e fatos antecessores, enaltecendo-os de maneira que pareçam ser o único meio pelo qual encontramos a verdade ou, pelo menos, algo que se difere positivamente de outras narrativas. Por meio dela, recorre-se ao capital simbólico da instituição, principalmente da liturgia e/ou textos sagrados, para enfatizar a sua importância nos dias atuais. É preciso destacar que esse “resgate” é seletivo, abordando somente os itens que podem ser atrativos para a comunidade, além de que as memórias nunca são imagens do passado *per se*, mas uma incorporação do imaginário que ressignifica os eventos anteriores. Ainda, como tradição inventada, recorre a história como meio de manter as relações sociais do grupo e legitimar suas ações (Portella, 2014; Hobsbawm, 2006; Hervieu-Léger, 2005).

Esses elementos que objetivam enaltecer uma continuidade com a tradição já se apresentam no *flyer* de divulgação do evento (Imagem 3), acompanhando por

um texto redigido por Pe. Wesley. O lema de inspiração dessa edição do Festival foi “A Palavra se fez canto e vibrou entre nós” – não qualquer canto, mas “cantar a liturgia” –, apresentando a noção de que os cânticos ministrados são adaptações dos textos bíblicos em forma de música. Assim, o sacerdote recorreu ao embasamento na narrativa bíblica, principalmente ligada à história de Jesus Cristo, como forma de legitimar esse modelo de canção, considerado como oriundo da palavra de Deus. No corpo do texto de convite, afirma que “Neste festival, apresentaremos a música católica na sua raiz mais profunda, que vem de uma longa tradição bíblico-litúrgica, e que bebe na rica fonte dos Salmos e dos demais cantos bíblicos do Antigo e Novo Testamento” (Almeida, 2019b). A memória religiosa precisa estar ancorada em instrumentos que a tornem concreta, podendo ser pessoas, acontecimentos ou lugares – este último mais duradouro. Ao fixar esta tradição da música litúrgica no texto sagrado, é garantido que ela beba do mesmo capital simbólico, como algo eterno, imutável e infalível, superior a qualquer outra construção musical *gospel* (Halbwachs, 2014; Rivera, 2001). Como afirmou o próprio Cristo: “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão” (Bíblia, Mateus 24, 35).

Imagem 3: Material de divulgação do 12º FMC

Comissão Diocesana para a Liturgia - *
Diocese de Campo Mourão-Paraná**
- 22 de agosto de 2019 -

A Palavra se fez canto e vibrou entre nós.

É à luz dessa inspiração que no próximo dia 31 de agosto vamos apresentar a tradição musical da Igreja Católica que constitui um patrimônio de inestimável valor.

Apresentar o Canto e Música é expressar o Mistério Pascal de Cristo – Paixão, Morte e Ressurreição. Neste festival, apresentaremos a música católica na sua raiz mais profunda, que vem de uma longa tradição bíblico-litúrgica, e que bebe na rica fonte dos Salmos e dos demais cantos bíblicos do Antigo e Novo Testamento.

As mais belas composições, produzidas ao longo das experiências celebrativas da Igreja. Todas elas de forte inspiração bíblica são também as nossas melhores referências. É a partir disso que queremos mostrar o dinamismo da vida litúrgica da Igreja, onde nós católicos somos convidados a participar com profundidade.

A música litúrgica tem um papel pedagógico de levar a comunidade celebrante a penetrar sempre mais profundamente no Mistério de Cristo.

Por sua força e suavidade capacita o nosso ser, a nossa vida, a fazer este encontro profundo com Cristo, e isto também se manifesta numa dimensão comunitária, onde a assembleia reunida pela voz e pelo canto se expressa, se santificando e glorificando a Deus.

A Música Litúrgica está a serviço da Palavra, e a grande finalidade é realçar a Palavra de Deus

Escreva um comentário...

Fonte: Comissão Diocesana para Liturgia – Diocese de Campo Mourão – Paraná (2019).

Esse embasamento bíblico apresenta a música litúrgica como algo que está além de outras manifestações musicais da Igreja: “As mais belas composições, produzidas ao longo das experiências celebrativas da Igreja. Todas elas de forte inspiração bíblica são também as nossas melhores referências”. E continua “É assim que nos animamos para ouvir os mais belos cantos inspirados na Sagrada Escritura” (Almeida, 2019b). Assim, embora não faça uma comparação explícita com as outras formas de adoração contemporânea, apresenta o canto ceciliano como algo que “é o mais belo”, “as nossas melhores referências”, justificando com a ideia de estar amparado em textos bíblicos. Já no final do discurso realizado durante o festival, essa comparação aparece de forma mais clara:

A música litúrgica que é própria da Igreja, do templo, ela sai do templo e vem para o palco. Isso é uma coisa que dificilmente acontece, e aqui nós tivemos a oportunidade de mostrar àqueles que, com o coração aberto, sincero e desejoso de Deus, também estiveram aqui para acompanhar a beleza das canções aqui cantadas nessa noite. No tempo em que nós estamos vivendo, onde tudo quanto é tranqueira tem entrado e se dito que é coisa boa, esta é a oportunidade que nós temos de ver aquilo que realmente nos eleva, eleva o nosso espírito e contribui para a edificação do nosso ser, da nossa pessoa (Almeida, 2019c).

O comentário acima parece apontar para uma aversão às outras formas de louvor que vêm conquistando espaço dentro das igrejas católicas e evangélicas, bebendo de ritmos outrora considerados seculares – principalmente o *pop* –, refrões repetitivos e letras sem embasamento bíblico/litúrgico, de caráter mais intimista e antropocêntrico, algo que pode ser considerado como uma sacralização do profano (Camurça, 2009). Somente a música litúrgica é capaz de nos elevar e edificar, afirma a sentença. Vale destacar que, ao necessitar defender e justificar o uso da tradição, exhibe a fraqueza da mesma: tradições ao modelo antigo são herdadas, não ofertadas para escolha (Berger, 2017; Hobsbawm, 2006). Essa dicotomia entre o pré-conciliar e o *pop* sacro se manifesta de forma ainda mais intensa nos discursos proferidos durante a entrevista:

A música litúrgica, sacra, é diretamente tirada da Sagrada Escritura, não é uma construção, uma coisa que eu deitei, dormi, acordei e construí, uma coisa que veio na minha cabeça. Ela é enraizada à luz da Palavra de Deus, porque ela tem que comunicar a história da salvação [...]. A música litúrgica não é nova, ela é antiga, só que tem assustado um pouco porque se tem resgatado um tesouro que ficou escondido, e agora quando vem esse tesouro, se manifesta:

“poxa, e agora tá mudando? Tá construindo coisas novas?” Não, os cantos, que muitos deles serão apresentados essa noite, são cantos de mais de 50 anos, do Concílio Vaticano para cá [...] porém, a construção bíblica já é muito mais antiga (Almeida, **Entrevista**, 2019a).

Na fala, Pe. Wesley liga a música litúrgica novamente aos textos bíblicos, a fim de trazer um sentimento de longevidade, algo que não foi produzido na contemporaneidade, mas que encontra suas raízes em um passado antigo muito anterior a sua escrita. “Não é só cantar por cantar, nós vamos fazer toda uma linha, uma projeção, uma linha de canções que vai perpassar por todo o período da história da salvação, ou seja, o ano litúrgico” (Almeida, **Entrevista**, 2019a), trazendo, de forma implícita, a ideia de que as músicas entoadas nas outras edições do FMC não apresentavam um sentido, uma linha de raciocínio. Ainda, há um cuidado da parte do sacerdote em afirmar que os cânticos não são novos, mas “tesouros escondidos” que não são bem aproveitados pela sociedade. Sobre essa falta de uso, afirma que aqueles que não reconhecem a importância e não aprovam a beleza das canções paroquiais não compreenderam o poder espiritual que essas possuem:

Para o cristão é abrir a mente, conhecer melhor o tesouro da música que existe na vida da igreja que muitas vezes ele está descartado, fica escondido, não se dá a conhecer. Mas alguns dizem “ah, mas aquela música é chata, aquela música é isso, aquela música da igreja...”, porque talvez ainda não compreendeu o que ela produz e o que ela deve produzir enquanto linha espiritual (Almeida, **Entrevista**, 2019a).

A problemática que deve ser observada não está em trazer a música litúrgica para um festival, até porque, em uma sociedade pluralizada, diversas manifestações de religiosidade, do mais tradicional ao mais contemporâneo, possuem a liberdade para serem celebradas. A questão está nos discursos que a apresentam como algo que está acima de todas as outras manifestações, com ares de única verdade, justificada pelo sacerdote pelo seu embasamento na liturgia e nos textos bíblicos, como estratégia para remobilizar a memória por meio da reconstrução utópica do passado. Contudo, basta fazer rápida retrospectiva da história da Igreja e perceber como a liturgia sempre foi influenciada por diferentes culturas. Mesmo a música litúrgica é apresentada de várias formas para além do gregoriano/ceciliano: ambrosiano, beneventano, galicano, mozarabe, entre outros. Qual seria a mais adequada? Qual eleva mais o homem a Deus? Ainda, não seria a música uma expressão artística de sentimentos e emoções humanas? Seria possível delimitar

isso em um único gênero, entendendo-o como expressão de toda a heterogeneidade da instituição religiosa? (Portella, 2014; Antunes, 2003).

A segunda estratégia de remobilização da memória, na esteira das reflexões de Hervieu-Léger (2005), procura reafirmar a riqueza cultural da tradição cristã, remontando a um capital simbólico antigo, como se a produção atual não caracterizasse elemento de cultura. Essa ação produz fronteiras distintivas entre o “nós” e o “outro”, o erudito e o insipiente, em que enaltece os signos tradicionais como expressão legítima da sapiência. Essa estratégia já aparece nas vestimentas do sacerdote – um terno preto, camisa clerical romana preta e destaque para o clér-gima – e em sua pronúncia estilizada, elegante e cortês – com um discurso pronto, com diversas citações e fatos históricos, lidos durante o FMC. Esse cenário parece remeter à ponderação de Bourdieu (2007, p. 21), quando menciona: “a procura consciente ou inconsciente da distinção toma inevitavelmente a forma de uma busca do refinamento e pressupõe o domínio das regras desses jogos refinados que são monopólio dos homens cultivados de uma sociedade”.

Também na escolha das músicas interpretadas no FMC, selecionadas exclusivamente pelo padre, há uma distinção entre o que é apropriado para a celebração, o que é litúrgico:

Houve a proposta deles [os intérpretes que cantaram no FMC], avaliámos algumas músicas que foram enviadas, umas aprovadas, outras não aprovadas, no sentido não de que “ah mas por que não foi aprovada?” porque não se adequava ao projeto da música litúrgica. Nem toda música que se canta, que fala de Deus, ela é uma música apropriada para celebração eucarística (Almeida, **Entrevista**, 2019a).

Se nem todas as músicas que falam de Deus são apropriadas, o que então caracteriza a música sacra? O termo sacro, por si só, é difuso, já que traz a concepção de algo sacralizado, em oposição ao profano, realizando a manutenção de um maniqueísmo que foge à narrativa bíblica. Considerando o cristianismo como a religião em que a divindade se relaciona diretamente com o homem, na qual a liturgia é a manifestação da fé e a atualização do mistério da salvação, é singular pensar em estilos musicais homogêneos e exclusivistas para a celebração. A música é a expressão da cultura de uma comunidade, portanto plural, multifacetada e diversificada (Antunes, 2003). Sobre isso, a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* – fruto do Concílio Vaticano II – afirma que:

A Igreja nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários ritos, criando deste modo no decorrer dos séculos um tesouro artístico que deve ser conservado cuidadosamente. Seja também cultivada livremente na Igreja a arte do nosso tempo, a arte de todos os povos e regiões, desde que sirva com a devida reverência e a devida honra às exigências dos edifícios e ritos sagrados. Assim poderá ela unir a sua voz ao admirável cântico de glória que grandes homens elevaram à fé católica em séculos passados (Papa Paulo VI, 1963:123).

A Constituição Conciliar, assinada pelo Pontífice Paulo VI, afirma que a Igreja é livre para incorporar a cultura e os estilos musicais de seu tempo, desde que conservando o rigor litúrgico. Já na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, do Papa Bento XVI, a instituição religiosa deve observar não só a letra, mas melodia e execução, apontando o canto gregoriano como próprio da liturgia católica. Aqui, mais uma vez se recorre à concepção de que esse estilo musical faz parte da história da instituição, com maior valor que as improvisações e a utilização de outros gêneros musicais:

Na sua história bimilenária, a Igreja criou, e continua a criar, música e cânticos que constituem um patrimônio de fé e amor que não se deve perder. Verdadeiramente, em liturgia, não podemos dizer que tanto vale um cântico como outro; a propósito, é necessário evitar a improvisação genérica ou a introdução de gêneros musicais que não respeitem o sentido da liturgia. Enquanto elemento litúrgico, o canto deve integrar-se na forma própria da celebração; consequentemente, tudo – no texto, na melodia, na execução – deve corresponder ao sentido do mistério celebrado, às várias partes do rito e aos diferentes tempos litúrgicos. Enfim, embora tendo em conta as distintas orientações e as diferentes e amplamente louváveis tradições, desejo – como foi pedido pelos padres sinodais – que se valorize adequadamente o canto gregoriano, como canto próprio da liturgia romana (Papa Bento XVI, 2007: 42).

A Exortação Pós-Sinodal faz eco aos que procuram “preservar” a instituição das mudanças da contemporaneidade – no sentido de objetivar manter estática a tradição –, e buscam apresentar os cânticos antigos como expressão de algo sacro, continuidade com o passado que não pode ser perdido. Assim, veem a entrada de outros gêneros com ceticismo, que não devem ser utilizados durante as celebrações. Sobre essa dicotomia cultural, é observado que o objetivo da música no FMC é:

resgatar a dimensão da cultura, porque querendo ou não a música, ela tem um aspecto cultural muito importante na vida da pessoa. Hoje, na sociedade em que nós vivemos, há a banalização de tantas coisas, as músicas que hoje estão sendo construídas, infelizmente, não têm conteúdo nenhum. Tem um negócio que fica repetindo lá, parece que não me edifica e constrói, sinceramente é uma podridão (Almeida, **Entrevista**, 2019a).

Ao considerar como “banalização” e “podridão” as novas produções que adentram as celebrações católicas e afirmar que o que ouvimos nos molda, constrói nossa identidade, o padre parece apontar a música contemporânea como um dos motivos que influenciam o arrefecimento da identidade católica, algo prejudicial que precisa ser substituído pela música sacra, expressão da legítima cultura. Na continuação, comparou a música sacra com a clássica, considerando a opção pelos outros estilos como “falta de cultura” e “falta de conhecimento”:

A música sacra tem um sentido de edificação também da vida da pessoa, [...] abrir os corações e a mente para cultura, para ouvir a boa música, aquilo que de fato nos eleva, eleva a nossa alma e nos coloca em contato com Deus e em contato conosco mesmo. Então é um diferencial, quebrando um pouco a lógica da sociedade. A música clássica, por exemplo, onde está a música clássica hoje? Tá apagada, sumida. [...] isso é falta de cultura, é falta de conhecimento (Almeida, **Entrevista**, 2019a).

Essa cosmovisão da tradição como elemento que expressa a riqueza cultural da instituição, desprezando toda a diversidade de manifestações contemporâneas, considerando-as como “falta de cultura”, caracteriza essa segunda estratégia de remobilização da memória. Isso parece contrapor os caminhos construídos pela própria instituição, por meio do Concílio Vaticano II, que abriu as portas do catolicismo para as experiências culturais de cada povo/época, entendendo que a celebração litúrgica não se detém em sua dimensão celebrativa, mas encontra sua plenitude no possuir sentido para a comunidade participante (Antunes, 2003).

Podemos afirmar que é visível o uso de um passado para afirmar o canto ceciliano/gregoriano como efetivo para elevar o homem a Deus e como a manifestação legítima da expressão religiosa católica. Não só a música, mas toda a estrutura do Festival foi modificada a fim de envolver o público, levá-lo a sentir-se pertencente a esses ritos antigos que, supostamente, estão esquecidos. Aqui, como pondera Portella (2014), a tradição deixa de ser herdada, como outrora, e passa a ser ofertada no mercado religioso, como uma possível escolha, indicativos sobre a impossibilidade de apresentar a tradição tal qual era no passado.

Considerações finais

As tensões entre a manutenção da continuidade com o passado e a necessidade de se atualizar de acordo com as demandas do presente consistem em algo que sempre esteve presente nas instituições religiosas, principalmente com o advento da modernidade. Os vazios deixados pelo arrefecimento das certezas fornecidas pelas religiões, dos vínculos sociais e das fragilidades das instituições – como estado, família, escola – são preenchidos com novas crenças e religiosidades, mas também um desejo utópico de resgatar o passado. Assim, grupos tradicionais têm investido forças para conservar e trazer símbolos antigos selecionados, a fim de reconstruir uma cosmovisão alicerçada na suposta perenidade da tradição. Contudo, observamos que o produto final não é um retorno da tradição, mas um simulacro, já que busca apresentar a aparência de antigo, mas é novo e não deixa de sê-lo só por apresentar signos antigos. O que se percebe é a produção de uma “tradição inventada”, que objetiva, por meio da repetição de práticas rituais/simbólicas, apresentar uma continuidade em relação ao passado (Berger, 2017; Portella, 2014; Hobsbawm, 2006).

No caso do 12º FMC, toda a estrutura foi organizada de modo a remeter os participantes à tradição, objetivando demonstrar uma ideia de continuidade com o passado. Portanto, cenário, músicas, falas catequéticas, entre outros, foram utilizados como meio de legitimar o resgate do antigo. Sobre o canto litúrgico de estilo ceciliano, observamos que as falas do padre colocam esse gênero acima de todos os outros, como aquele que é fundamentado nos textos bíblicos/litúrgicos e expressão da verdadeira cultura, desconsiderando expressões de adoração ao sagrado contemporâneas que têm adentrado as igrejas. Contudo, a partir do momento que a tradição é ofertada como escolha, e não mais como herança, além de necessitar justificar seu uso e manutenção, torna-se um simulacro, algo com aparência de velho, mas novo, que reinterpreta e ressignifica o passado de acordo com as demandas do presente. Deste modo, embora esses agentes utilizem um discurso de resgatar a tradição, o que se vê é mais uma faceta do mosaico plural católico, fruto da modernidade que permite essas bricolagens entre o que é considerado sagrado e profano.

O anseio por trazer à tona o antigo não se limita ao FMC, de matriz carismática, ou a uma transformação apenas no seio da instituição católica. Essas “guerras culturais” (Silveira, 2015; 2018b), que objetivam restabelecer uma ordem

moral universal, reemergem com força no espaço público, na busca por defender valores tradicionais da instituição contra os que são identificados como inimigos internos – liberalismo, teologia da libertação, aberturas para novos modelos de culto – e externos, tais como o comunismo, demais religiões e grupos minoritários. As tendências conservadoras dentro do catolicismo não são recentes, mas perpassam por toda a história do Brasil pós-descobrimento, marcadas por perseguições às religiões de matriz afro e tentativas de deslegitimar outras tradições religiosas, algo que permeia a cosmovisão da instituição: “Em termos teológicos, os grupos católicos que passaram a demonstrar alguma atuação mais contundente nos últimos anos no Brasil tomam para si a curiosa missão de recristianizar o catolicismo” (Caldeira; Toniol, 2020, s/p.). Diante disso, apontamos como a ascensão de movimentos conservadores age dentro da própria instituição, em uma romanização hodierna, mas também fora, com a tentativa de moralização da sociedade.

Por fim, se esses signos tradicionais eram “tesouros que estavam escondidos”, parece-nos que a Igreja Católica optou por apresentar o evento ao público com uma nova roupagem, adornada e ataviada, objetivando granjear sucesso em sua labuta de transmitir a tradição por meio de estratégias de remobilização da memória. Para acessar esse tesouro, tal qual na parábola contada por Jesus, é necessário abrir mão de tudo quanto possui, deixar a pluralidade do mercado religioso para comprar o “campo” no qual está enterrado: a exclusividade da comunidade “recristianizada”, em que o tesouro da tradição está arraigada.

Fontes

ALMEIDA, Wesley. *Entrevista*. [ago. 2019] Entrevistador: ANJOS, Brandon Lopes dos. Campo Mourão, 2019a. 1 arquivo .mp3 (20:15 min).

ALMEIDA, Wesley. Festival de Música Católica Cristo é Nosso Show. *Facebook*. Publicado em 31 ago. 2019b. Disponível em: <<http://bit.ly/3aOniBJ>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

ALMEIDA, Wesley. A palavra se fez canto e vibrou entre nós. *Facebook*. Publicado em: 22 ago. 2019c. Disponível em: <<http://bit.ly/3b7W1KW>>. Acesso em: 17 mar. 2020.

BÍBLIA. *Bíblia de estudos cronológica: aplicação pessoal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

BONETE, Clodoaldo. Festival de Música Católica será realizado em setembro. *Tribuna do Interior*. 09 ago. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/3gmN5nI>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

PAPA BENTO XVI. Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis* de sua santidade Bento XVI ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre a eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. *A Santa Sé.* 22 fev. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/3a1lgOy>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

PAPA FRANCISCO. Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia* do santo padre Francisco ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. *A Santa Sé.* 02 fev. 2020. Disponível em: <<http://bit.ly/2Tp1Zku>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

PAPA PAULO VI. Constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia. *Santa Sé.* 04 dez. 1963. Disponível em: <<http://bit.ly/2Qn3ZYq>>. Acesso em: 17 mar. 2020.

Referências bibliográficas:

ANJOS, Brandon Lopes dos et al. “Eis que (quase) tudo se fez novo”: o carismatismo católico e as ressignificações da tradição no evento Cristo é Nosso Show. *Reléens Thréskeia.* Curitiba: UFPR, v. 8, n. 1, jan./jun. 2019. pp. 96-112.

ANTUNES, José Paulo. Debates e clivagens em torno da noção de Música Sacra no catolicismo contemporâneo. *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões.* Lisboa, v. 2, n. 3/4, 2003. pp. 83-92.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BERGER, Peter. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista.* Petrópolis: Vozes, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectiva, 2007.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe; TONIOL, Rodrigo. Catolicismo eclipsado. *Folha de São Paulo.* 31 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3gmCxF4>. Acesso em: 02 ago. de 2020.

CAMURÇA, Marcelo. Tradicionalismo e meio de comunicação de massa: o catolicismo midiático. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (org.). *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno.* Aparecida: Ideias & Letras, 2009. pp. 59-78.

CAMURÇA, Marcelo. Memórias e narrativas da Renovação Carismática Católica. *Revista Brasileira de História das Religiões,* v. 5, n. 15, Maringá, jan. 2013, p. 161-168.

CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno.* Aparecida: Ideias & Letras, 2009, p. 33-58.

CHAUI, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária.* São Paulo: Perseu Abramo, 2010.

- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: PUF, 1994.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. *La topografía legendaria de los evangelios em tierra santa: estúdios de memoria colectiva*. Madri: CIS; BOE, 2014.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. Catolicismo: a configuração da memória. *Rever*. São Paulo: USP, v. 5, n. 2, 2005. pp. 87-107.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 9-23.
- MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; SEXUGI, Fábio. “Cristo é Nosso Show”: configurações e arranjos entre o catolicismo carismático e o poder público. *Fênix*. Uberlândia: UFU, v. 15, n. 1, jan./jun. 2018. pp. 1-16.
- ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel. Renovação Carismática Católica e pentecostalismo evangélico: convergências e divergências. *Debates do NER*. Porto Alegre: UFRGS, ano 17, n. 30, jul./dez. 2016. pp. 219-245.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye, Brasil”: o declínio das religiões tradicionais no Censo de 2000. *Estudos avançados*. São Paulo: USP, v. 18, n. 52, 2004. pp. 14-28.
- PORTELLA, Rodrigo. Medievais e pós-modernos: a Toca de Assis e as novas sensibilidades católicas juvenis. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (org.). *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Ideias & Letras, 2009. pp. 171-194.
- PORTELLA, Rodrigo. Só o passado salva: reflexões sobre identidades católicas aliçadas em elementos pré-conciliares. *Pistis Praxis*. Curitiba, v. 6, n. 3, set./dez. de 2014. pp. 1035-1056.
- RIVERA, Dario Paulo Barrera. *Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- SANCHIS, Pierre. Introdução. In: SANCHIS, Pierre (Org.). *Catolicismo: modernidade e tradição*. São Paulo: Loyola, 1992. pp. 9-39.

SARAH, Robert. *Do profundo de nosso coração*. São Paulo: Edições Fons Sapien-
tia, 2020.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. *Corpo, emoção e rito: antropologia dos carismá-
ticos católicos*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Configurações corporais e afetivas em rituais
carismático-católicos: cura, salvação e memória. *Revista Brasileira de História das
Religiões*. Maringá: GTRR/ANPUH, v. 7, n. 19, 2014. pp. 199-221.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Tradicionalismo católico e espaço público. A
“guerra cultural” dos clérigos ultraconservadores. *Revista Eclesiástica Brasileira*.
Petrópolis: Vozes, v. 75, n. 300, out./dez. 2015. pp. 935-957.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Devoções, catolicismo e mundo cibernético: se-
mântica nova ou antiga permanência? *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro, n. 44,
jan./jun. de 2018^a. pp. 31-49.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Padres conservadores em armas: o discurso
público da guerra cultural entre católicos. *Reflexão*. Campinas, v. 43, n. 2,
jul./dez. de 2018b. pp. 289-309.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Reacionarismo católico ontem, hoje e sempre...
Os “vencidos” do catolicismo na modernidade. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Pe-
trópolis: Vozes, v. 79, n. 314, set./dez. de 2019. pp. 541-570.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: TEI-
XEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Catolicismo plural: dinâmicas contem-
porâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009. pp. 17-30.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*.
Brasília: UNB, 2009.

WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Unesp, 2012.

ZANOTTO, Gizele. *TFP Tradição, Família e Propriedade: as idiossincrasias de um
movimentado católico no Brasil (1960-1995)*. Passo Fundo: Méritos, 2012.

Recebido em 15/08/2020, aceito para publicação em 01/12/2020.